

A temática do holocausto no ensino de literatura brasileira: um poema de Vinícius de Moraes e uma tela de Lasar Segall*

*Kenia Maria de Almeida Pereira***

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal apontar alguns caminhos para a discussão do Holocausto (Shoá) nas aulas do Ensino Médio, propondo, por meio da literatura comparada e de importantes teóricos sobre o tema, um estudo da poesia de Vinícius de Moraes em interface com a arte de Lasar Segall.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira; Holocausto; Poesia; Pintura.

ABSTRACT: This paper aims mainly to point some ways to discuss the Holocaust (Shoah) in senior high school classes, proposing, by means of the Comparative Literature and of important theoreticians on the subject, a study of Vinicius de Moraes' poetry in interface with Lasar Segall's art.

KEYWORDS: Brazilian literature; Holocaust; Poetry; Painting.

Se ministrar literatura brasileira no Ensino Médio é uma tarefa desafiadora, também não deixa de ser um instigante exercício de criatividade, de análise cultural e de postura política para o professor no mundo contemporâneo. Aliás, estes três elementos se mesclam muito bem quando o assunto a ser discutido em sala de aula é a temática da Shoá, ou do Holocausto. Tratar deste tema complexo e espinhoso talvez seja um dos momentos políticos mais intensos que tanto os alunos da licenciatura como os professores poderão enfrentar no exercício do magistério. Theodor Adorno já chamava a atenção para este fato em seu belo texto intitulado “Educação após Aus-

* Parte deste artigo foi tema de palestra proferida na II Jornada Interdisciplinar para o ensino do Holocausto, USP - São Paulo - em agosto de 2006. Disponível em: <http://www.arqShoá.com.br/uploads/jornada/5/JORNADA13_240609121455.pdf> e também na revista Athos Ethos, Patrocínio-MG, v. 2, p. 11-348, 2002.

** Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

chwitz”. Para este filósofo, ensinar é um estado de crítica permanente e a “exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação”. (ADORNO, 2006, p. 119). Já Primo Levi, adverte que se deve, sempre que possível, falar para o jovem sobre o Holocausto, muito embora os adolescentes de hoje, em sua grande maioria, sejam céticos e desconfiados quanto a temas históricos mais complexos. No entanto, afirma Levi, na medida do possível, deve-se trazer o assunto à baila, uma vez que a Shoá aconteceu

[...] contra toda previsão, aconteceu na Europa; incrivelmente aconteceu que um povo civilizado, recém-saído do intenso florescimento cultural de Weimar, seguisse um histrião cuja figura, hoje, leva ao riso; no entanto, Adolf Hitler foi obedecido e incensado até à catástrofe. Aconteceu, logo pode acontecer de novo; este é o ponto principal de tudo quanto temos a dizer. (LEVI, 1990, pp. 123-124).

Tal qual Primo Levi, a professora Maria Luiza Tucci Carneiro em seu livro *Holocausto: Crime contra a Humanidade* (2002), também aponta para o fato de que o estudo do tema do Holocausto desempenha um importante papel de conscientização, pois alerta a humanidade a não incorrer nos erros do passado. Já para o filósofo Zygmunt Bauman, apoiado em Raul Hilberg, comenta que é urgente trazer para o debate escolar a questão do Holocausto, já que é muito perturbador pensar que

[...] os criminosos foram pessoas educadas de sua época. Esta é a questão crucial sempre que indagamos o significado da Civilização Ocidental depois de Auschwitz. Nossa evolução foi além da nossa compreensão; já não podemos fingir que temos pleno alcance de nossas instituições sociais, estruturas burocráticas e tecnologia. (BAUMAN, 1998, p. 106).

Já para Márcio Seligmann-Silva, o estudo da Shoá no Brasil ainda é um tema restrito a um pequeno grupo de pesquisadores, no entanto, tal fenômeno necessita ser mais estudado e compreendido uma vez que a Shoá foi

um acontecimento terrível, uma força devastadora, que chegou mesmo a transformar a

[...] literatura tradicional, a filosofia e a nossa visão mesma do homem moderno ocidental. Vimos que este continua sendo capaz de praticar genocídios desta magnitude e o progresso tecnológico não implica progresso moral. O holocausto exige mais do que nunca a literatura para podermos enfrentar a realidade da violência. (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 12).

Assim, tendo por suporte teórico estes importantes estudiosos do Holocausto, bem como a necessidade do educador de levar tal tema para a sala de aula, que elaboramos com os alunos do Estágio Supervisionado em Literatura, da Universidade Federal de Uberlândia (MG), um projeto no qual trabalhamos alguns textos da literatura brasileira, cuja temática está relacionada com a Shoá. Há mais de dez anos, desenvolvemos um projeto de pesquisa com alunos de iniciação científica e do curso de mestrado, cujo assunto gira em torno da poesia e do Holocausto na literatura brasileira. Algumas dissertações já foram defendidas sobre este tema e também alguns textos **já foram** publicados pelos alunos da iniciação, bem como artigos e livros lançados por mim sobre esta temática, além de palestras ministradas para educadores das escolas municipais e na Universidade de São Paulo (USP), durante as Jornadas Interdisciplinares para o ensino do Holocausto, sob a supervisão da professora Maria Luiza Tucci Carneiro. A boa procura de alunos e pesquisadores sobre o tema permitiu-nos que, em 2012, criássemos também o LEJ (Laboratório dos Estudos Judaicos) o qual está devidamente registrado no diretório dos grupos de pesquisa do CNPq.

Resolvemos, assim, dar continuidade a este projeto, levando para os alunos do curso de graduação em Letras, futuros educadores do ensino fundamental e médio, propostas para enfrentarmos este tema de forma ao mesmo tempo política e criativa, provocando o prazer estético e problematizando as questões sociais e filosóficas embutidas nos textos propostos por nós. Lembremos aqui Paulo Franchetti (2009, p. 5), o qual afirma que a mais profunda

fruição do texto literário pressupõe “um exercício amplo da cultura, naquilo que ela tem de relação com o passado, de continuidade, de ponte a transcender os limites do tempo e as formas da sensibilidade do presente”.

Aliás, trabalhar com o tema do assassinato em massa de milhões de judeus, além de polêmico e árduo, é também uma forma de conscientização, pois é um alerta, como apontamos antes, uma tentativa de discutirmos com os jovens sobre erros do passado. Daí a importância de falar sobre o tema sempre que possível, uma vez que a Shoá foi “um fenômeno tão imprevisto e tão complexo, em que jamais tantas vidas humanas foram eliminadas num tempo tão breve, e com uma tão lúcida combinação de engenho tecnológico, de fanatismo e de crueldade”. (LEVI, 1990, p. 7).

Outro fato que muito nos preocupa durante nossos estudos sobre as temáticas do judaísmo e do Holocausto é a questão relacionada aos inúmeros blogs antissemitas, racistas e homofóbicos que circulam hoje livremente pela internet. Segundo o site Pragmatismo Político:

O crescimento do número de simpatizantes neonazistas tem se tornado uma tendência internacional. É o que aponta um monitoramento da internet realizado pela antropóloga e pesquisadora da Unicamp, Adriana Dias. De 2002 a 2009, o número de sites que veiculam informações de interesse neonazistas subiu 170%, saltando de 7.600 para 20.502. No mesmo período, os comentários em fóruns sobre o tema cresceram 42.585%.¹

Blogs, sites e redes sociais que são acessados todos os dias, por muitos dos adolescentes que cursam hoje o ensino médio e a universidade, ou seja, alunos que convivem conosco no dia a dia da sala de aula. Torna-se, portanto, urgente que o tema do Holocausto venha para o centro do debate, se possível, em algumas aulas de literatura, em interface ou em diálogo interdisciplinar, sempre que possível, com professores de história, geografia, filosofia e sociologia. É quando a questão é o direito à literatura e o respeito à dignidade humana, lembramos sempre de Antonio Candido, que nos recorda que:

¹ Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/04/conheca-o-mapa-neonazista-no-brasil.html>>. Acesso em: 08 jul. 2013.

[...] nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1995, p. 243).

Assim, neste intercurso literário entre a estética e a política, entre a cultura e o passado, entre o afetivo e o educativo, entre o complexo e o humanizador, que propomos uma análise do poema de Vinícius de Moraes, intitulado *A balada dos mortos do campo de concentração*, em diálogo com a pintura *Campo de Concentração*, 1945, do pintor Lasar Segall.

Em primeiro lugar, propomos uma leitura inicial do poema:

A balada dos mortos do campo de concentração
Vinícius de Moraes

Cadáveres de Nordhausen
Erla, Belsen e Buchenwald!
Ocos, flácidos cadáveres
Como espantalhos, largados
Na sementeira espectral
Dos ermos campos estéreis
De Buchenwald e Dachau.
Cadáveres necrosados
Amontoados no chão
Esquálidos enlaçados
Em beijos estupefatos
Como ascetas siderados
Em presença da visão.
Cadáveres putrefatos
Os magros braços em cruz
Em vossas faces hediondas
Há sorrisos de giocondas
E em vossos corpos, a luz
Que da treva cria a aurora.
Cadáveres fluorescentes
Desenraizados do pó

Que emoção não dá-me o ver-vos
Em vosso êxtase sem nervos
Em vossa prece tão-só
Grandes, góticos cadáveres!
Ah, doces mortos atônitos
Quebrados a torniquete
Vossas louras manicuras
Arrancaram-vos as unhas
No requinte de tortura
Da última toaleta...
A vós vos tiraram a casa
A vós vos tiraram o nome
Fostes marcados a brasa
Depois vos mataram de fome!
Vossas peles afrouxadas.
Sobre os esqueletos dão-me
A impressão que seres tambores -
Os instrumentos do Monstro -
Desfibrados a pancada:
Ó mortos de percussão!
Cadáveres de Nordhausen
Erla, Belsen e Buchenwald!
Vós sois o húmus da terra
De onde a árvore do castigo
Dará madeira ao patíbulo
E de onde os frutos da paz
Tombarão no chão da guerra!
(MORAES, 2004, pp. 365-366).

Depois da leitura em voz alta com os alunos, numa tentativa de resgatar a voz e a performance corporal no envolvimento com o texto literário, naquilo que Paul Zumthor (1997) chama de “fenômenos poéticos da oralidade”, agora é a vez do professor situar o poeta Vinícius de Moraes. Vinícius não vivenciou de perto a Segunda Guerra Mundial, não era judeu, nem tampouco ficou preso em um campo de concentração. Mas se ele não sentiu literalmente na pele a dor e a flagelação de ser prisioneiro, este poeta teve a sensibilidade suficiente para transformar em boa poesia as terríveis notícias sobre os *lagers*², que pelo rádio e pelos jornais chegavam todos os dias em sua casa.

Assim, Vinícius dá seu testemunho como partici-

² Campos de concentração.

pante de uma época tormentosa, filtrando pela palavra metafórica as atrocidades nazifascistas. Para Theodor Adorno, depois do Holocausto, fazer poesia seria uma impossibilidade e um ato de barbárie, ou como o próprio filósofo afirmava: “Luego de lo que pasó en el campo de Auschwitz es cosa bárbara escribir un poema, y este hecho corroe incluso el conocimiento que dice por qué se ha hecho hoy imposible escribir poesía”. (ADORNO, 1962, p.29). Mas, o que se viu, felizmente, foi o contrário, a poesia renascendo das cinzas e se reinventando nas estrofes de inúmeros poetas, dentre eles, Vinícius de Moraes.

Quando evocamos o nome de Vinícius, lembramos sempre do poeta plural, que transitou pela música, cinema e teatro. Ao lado de Antonio Carlos Jobim, Vinícius deu grande impulso à Música Popular Brasileira, com o revigoramento da Bossa Nova. Ele é, ainda, o trovador dos amores quase infinitos, dos sonetos da separação, o poeta lascivo, trovando para todas as mulheres as sonatas do amor perdido. Suas músicas e poesias podem ser ouvidas ainda estilizadas numa espécie de *jingle*, em comerciais de televisão, quase sempre, direcionados ao universo feminino. Grande parte dos alunos sabem cantarolar alguns versos de “Garota de Ipanema”, aliás, uma das canções mais famosas no mundo.

Para Alfredo Bosi (1983), Vinícius de Moraes é, talvez, depois de Manuel Bandeira, o mais intenso escritor erótico da literatura brasileira. Claro que um erotismo sutil, envolto em pudores de quem foi educado por jesuítas. Ou seja, Vinícius “oscila entre as angústias do pecador e o desejo do libertino”. (BOSI, 1983, p.514).

Mas Vinícius não é apenas o poeta do amor que se afoga entre a sensualidade e a oração, nem só o poeta adocicado das garotas de Ipanema. Ele é também um lírico entristecido com o fatídico adeus de outros escritores. Um cantor, também, da despedida e da morte. Desolado, por exemplo, com o suicídio do poeta norte-americano Hart Crane, escreve, em 1932, a bela elegia intitulada *O poeta Hart Crane suicida-se no mar*. Elabora, também, sob o impacto do fuzilamento de Federico Garcia Lorca, as contundentes estrofes do poema *A morte de madrugada*. Já para o velório Mário de Andrade, compõe um doloroso poema intitulado *A manhã do morto*.

Vinícius é ainda o artista alarmado com os muitos problemas sociais, um vate engajado e politizado. Um poeta com poesias participantes. Vinícius estava disposto a denunciar tanto a pobreza do operário em construção, como a intensa luta das prostitutas do mangue, além das muitas catástrofes oriundas da Segunda Guerra Mundial, dentre elas, os campos de concentração da Alemanha nazista e as bombas de Hiroshima e Nagasaki.

Desta forma, com o poema *Balada dos mortos dos campos de Concentração*, o poetinha recupera uma forma medieval de fazer versos, a balada, que é o embrião do teatro e da dança, para rimar, de modo inusitado, hediondas com giocondas. Tudo isso sobre o arcabouço melódico da redondilha maior, a qual empresta ao poema uma cadência rítmica marcada pelo lamento e pela tristeza.

Para quem fez poemas clamando que a “beleza é fundamental”, eis que agora chegou o momento de compor sobre os horrores e pavores de cadáveres torturados em decomposição. Lembremos que o Belo, na modernidade, prenuncia-se no “feio” e adquire sua inquietude, como queria Baudelaire, mediante a absorção do bizarro, do grotesco e do espantoso. (FRIEDRICH, 1991, p. 44).

Quando estourou a Segunda Grande Guerra, em 1939, Vinícius, que estava na Inglaterra estudando literatura inglesa em Oxford, foi obrigado a abandonar tudo e regressar ao Brasil, trazendo consigo as reminiscências terríveis de uma Europa em convulsão.

O totalitarismo de Hitler incluía, dentre outras loucuras, o massacre dos judeus encarcerados em campos de concentração. Quando Vinícius publicou, em 1946, o livro *Poemas, sonetos e baladas*, do qual faz parte o poema lido, a guerra já havia terminado, iniciava-se agora a contagem dos mortos: centenas, milhares deles. O mundo tinha pouco a comemorar, os judeus, muito menos: seis milhões deles havia sido exterminados pelo rolo compressor do racismo e do ódio.

Os campos de concentração não foram inventados pelos alemães, eles datam das guerras coloniais, foram as autoridades espanholas, em Cuba, durante a guerra da independência, em 1898, que, pela primeira vez, fizeram uso dessa arma estratégica, encarcerando grandes massas

camponesas. Foi, contudo, na ditadura nazista que esse conglomerado humano funesto adquiriu fama, ganhou fôlego, alastrou-se da Alemanha para outras regiões da Europa. Áustria, Polônia (com o famoso Auschwitz), Iugoslava, Ucrânia, Noruega, Holanda, Bélgica, França.

O primeiro campo de concentração que, aliás, serviu como modelo para a criação dos demais, é Dachau, criado em 1933, quando Hitler foi aclamado Chanceler do Terceiro Reich. Vinícius enumera em seus versos os mais conhecidos deles, os de fama mais sinistra: Nordhausen, Erla, Belsen, Buchenwald, Dachau. Por estas prisões, passaram milhares de detidos; se a grande maioria consistia de judeus, havia também outros grupos perseguidos como os ciganos, comunistas, homossexuais, deficientes físicos e mentais, dissidentes políticos, anarquistas e Testemunhas de Jeová. Tudo isso em nome da purificação da raça: uma raça pura, ariana, como queria Hitler, isenta da contaminação judaica e de outros elementos considerados nocivos. O grotesco e o disforme não poderiam ser poupados. Lendo os trechos mais ignominiosos da obra *Mein Kampf*, Hitler não deixa dúvidas: os Judeus são como ratos a infestar as nossas cidades, devem ser exterminados como exterminamos as pragas. E mais: os nazistas odiavam também os latino-americanos, considerados como raça híbrida e inferior, tanto que os livros de Thomas Mann, autor de *A Montanha Mágica*, foram proibidos na Alemanha, no período da Segunda Guerra, não por ele ser judeu e sim por ter mãe latina. Jorge Amado explica-nos que o maior crime de Tomas Mann era ele “ser filho de mãe brasileira e não ter, por consequência, um puro sangue ariano”. (AMADO, 2008, p. 31). Curioso que os brasileiros que insistem em ser neonazistas desconhecem ou se esquecem deste fato: os simpatizantes latinos do regime fascista seriam os primeiros a serem fuzilados pela gestapo por serem considerados mestiços.

Voltando ao poema, os sofrimentos das vítimas do Holocausto são intuídos por Vinícius de forma incisiva nos versos: “Ocos, flácidos cadáveres/como espantalhos largados”. Ocos, já que os prisioneiros depois de serem submetidos ao confisco de todos os seus bens materiais, perdiam também sua identidade e, conseqüentemente,

sua dignidade. “Flácidos”, já que eram submetidos a um regime obrigatório de fome, passando a pão e água, de vez em quando, uma sopa rala. Trabalhavam em tarefas inúteis, estafantes, pesadas: quebravam pedras, carregavam areia, cavavam valas. Trabalhadores subnutridos, expostos à neve, à chuva, ao frio, ao sol escaldante. Depois de mortos, sugeriam a imagem de espantalhos, abandonados ao relento, amedrontando os pássaros, apavorando os vivos. Nem todos morriam de inanição, muitos se suicidavam, outros enlouqueciam.

Hannah Arendt, ao refletir sobre o sistema totalitário e os campos de concentração observa que:

[...] é apenas aparente a inutilidade dos campos, a sua anti-utilidade cinicamente confessada. Na verdade, nenhuma outra das suas instituições é mais essencial para preservar o poder do regime. Sem os campos de concentração, sem o medo indefinido que inspiram e sem o treinamento muito definido que oferecem em matéria de domínio totalitário, que em nenhuma outra parte pode ser inteiramente testado em todas as suas radicais possibilidades, o Estado totalitário não pode inspirar o fanatismo das suas tropas sem manter um povo inteiro em completa apatia. (ARENDR, 1999, p. 565).

Vinícius evoca os “Cadáveres necrosados, amontoados no chão”. Uma cena aterradora que imediatamente nos remete às fotografias dos livros de história, delatando as centenas de corpos amontoados em valas comuns. Mas é, talvez, Primo Levi, testemunha e vítima que experimentou os rigores das milícias nazistas, quem melhor descreve os tormentos impostos aos prisioneiros. Levi expõe que, dentre os prisioneiros, alguns eram escolhidos para fazer parte de algo mais terrível, o Esquadrão Especial. Primo Levi relata ainda que dentre os próprios prisioneiros, alguns eram escolhidos para manejar os fornos crematórios e acionar as câmaras de gás:

Com esta denominação deliberadamente vaga, esquadrão especial, era indicado pelos SS o grupo de prisioneiros aos quais estava confiada a gestão dos fornos crematórios. A eles cabia manter a ordem entre os re-

cém-chegados (muitas vezes, inconscientes do destino que os esperava) que deviam ser introduzidos nas câmaras de gás; tirar das câmaras os cadáveres; extrair o ouro dos dentes; cortar o cabelo das mulheres; separar e classificar as roupas, os sapatos, o conteúdo das bagagens; transportar os cadáveres para os fornos crematórios e cuidar do funcionamento dos fornos; retirar e eliminar as cinzas. (LEVI, 1990, p. 26).

Primo Levi menciona, ainda, que raros foram os participantes desse Esquadrão Especial que escaparam com vida, a maioria foi eliminada antes do término da guerra, uma vez que os nazistas não admitiam que portadores desse horrendo segredo pudessem sobreviver para relatá-lo à posteridade. Com o Esquadrão Especial, Hitler acabou por inventar algo funesto para a identidade judaica: a vítima-carrasco.

“A vós tiraram a casa / a vós vos tiraram o nome / fostes marcados em brasa / depois vos mataram de fome.” Estes versos, com suas rimas soantes, ficam ecoando pelo poema como a entoação de uma ladainha, a recitação de um salmo, uma oração tartamudeante. Depois de perder os bens materiais, as vítimas perdiam também a condição de ser humano. Relegados ao plano dos animais, as vítimas eram também marcadas com ferro em brasa. Mais uma vez, o memorialista Primo Levi, relata-nos que a ação de tatuar o corpo dos prisioneiros como gado era procedimento rotineiro nos campos de concentração:

A operação era pouco dolorosa e não durava mais que um minuto, mas era traumática. Seu significado simbólico estava claro para todos: este é um sinal indelével, daqui não sairão mais; esta é a marca que se imprime nos escravos e nos animais destinados ao matadouro, e vocês se tornaram isso. Vocês não têm mais nome: este é o seu nome. A violência da tatuagem era gratuita, um fim em si mesmo, pura ofensa... (LEVI, 1990, p. 26).

Vinícius fala ainda nas peles frouxas de pancadas. Pancadas horrendas, desferidas sobre corpos ossudos, espécie de tambores arrebatados pela dureza dos castigos impetrados pelos carrascos. A espantosa comparação,

aproximando os sofrimentos dos judeus à percussão de um instrumento musical, no verso “Ó mortos de percussão”, também, nos remete às lamúrias das mulheres e das crianças, já que elas eram as primeiras a serem sacrificadas nas câmaras de gás. Eichmann, um dos carrascos nazistas julgados em Jerusalém, durante interrogatório, afirmou que, enquanto trabalhou burocraticamente como coordenador dos campos, às vezes, passava horas observando as imensas filas de judeus nus, balbuciando preces. Eichmann, comenta que eles avançavam inocentes, pelos longos corredores para serem asfixiados com ácido cianídico. (ARENDETT, 1999, p. 26).

Ao final do poema, Vinícius encerra, clamando: “Vós sois o húmus da terra / De onde a árvore do castigo / Dará madeira ao patíbulo / E de onde os frutos da paz / Tombarão no chão da guerra!” (MORAES, 1999, p. 149). Vejamos que ele compara os judeus ao “húmus da terra”. Como falar impunemente sobre os judeus e não mencionar a revolução intelectual desencadeada por muitos deles? Eles são espécie de húmus da civilização ocidental. Sabemos que são inúmeras as personalidades judaicas que mudaram a nossa concepção do mundo e de nós mesmos. Spinoza, Marx, Freud, Einstein, Walter Benjamin etc. Sem nos esquecermos de citar a centena de escritores excepcionais que mudaram o curso da literatura no Brasil e no mundo: Kafka, Fernando Pessoa, Samuel Rawet, Clarice Lispector, Moacyr Scliar, dentre outros.

Já os últimos versos que fecham o poema “E onde os frutos da paz/ tombarão no chão da guerra”, parecem mais uma profecia a ecoar pelo futuro, um vaticínio assustador. A árvore da paz traz também a guerra. A criação do Estado de Israel, em 1948, deveria trazer a concórdia e tranquilidade aos milhares de judeus sem pátria, mas o que se viu, ironicamente, daquele ano até hoje, foram verdadeiras carnificinas, guerras absurdas, envolvendo palestinos e judeus. Aconteceram e acontecem massacres assustadores que parecem ser infinitos, os quais acabaram por culminar nas atuais convulsões do Oriente Médio. Assim é que “Os frutos da paz tombarão no chão da guerra”. Para Eric Hobsbawm, o século XX foi o mais assassino na história registrada. “O número total de mortes

causadas por ou associadas a suas guerras foi estimado em 187 milhões, o equivalente a mais de 10% da população mundial em 1913". (HOBSBAWM, 2002, p. 15).

É de se perguntar: o que nos reservará o século XXI? Ainda estamos no início do novo milênio e já presenciemos estupezafatos: atentados terroristas, conflitos no Oriente Médio, que impulsiona uma nova onda de antissemitismo; convulsão econômica na América Latina e na Europa; a multiplicação das bombas atômicas; o aumento descontrolado do tráfico de drogas e da violência nas grandes cidades, bem como a devastação do meio ambiente. O que mais nos restará? É significativo pensar que a análise de um só poema poderá proporcionar inúmeros debates entre os alunos, os quais mobilizarão conhecimentos de história, antropologia, geografia, filosofia, dentre outros.

Durante a análise desta polêmica poesia, a qual, com certeza, despertará, como dissemos, acaloradas discussões, propomos que o professor mostre o quadro *Campo de Concentração*, 1945, do poeta russo-brasileiro Lasar Segall.



Lasar Segall – *Campo de concentração*, 1945. Fonte: <<http://www.reuvenfaingold.com/artigos/aulas/faap/lasar-segal.pdf>>. Acesso em 08 jul. 2013.

Interessante observarmos que a dor que Vinícius registrou em versos, Segall traduziu em pincelas de cores ocres. O desalento, a fome, o choro e os gestos de desespero da balada de Vinícius se materializam de forma intensa na pintura de Lasar Segall.

Basta olharmos com atenção para a tela e estão

ali também, entre os vivos flagelados, os corpos em putrefação, os “cadáveres fluorescente” e “amontoados no chão”, os “góticos cadáveres”, “os espantalhos largados na sementeira espectral dos ermos campos estéreis”.

Mas, diferentemente do poeta carioca, o pintor-lituano, naturalizado brasileiro, Lasar Segall, sentiu literalmente na pele e nos ossos a angústia de ser prisioneiro em um campo de concentração. Segall nasceu na Lituânia em 1891, numa família judia e grande parte de sua pintura demonstra os hábitos e costumes hebraicos. Segall foi testemunha direta das atrocidades da guerra. Antes de fixar residência definitiva no Brasil em 1923, ele foi preso e confinado num campo de prisioneiros civis em Dresde, logo no início da Primeira Guerra Mundial. Excepcionalmente, os poucos meses em que esteve preso, ganhou permissão para desenhar e pintar. Trata já desta época sua inspiração para inúmeros desenhos que ele produziria no Brasil, principalmente com a série intitulada *Visões de Guerra* (1940-1943), as quais se constituem de dezenas de aquarelas que retratam os horrores da Segunda Guerra. Mas de todas as figuras, de *Exodo I*, a *Os sobreviventes da Segunda Guerra*, bem como *Estudo para campo de concentração*, 1945, nada se compara a esta pintura a óleo sobre tela, medindo 81x185 cm, com o título direto de *Campo de concentração*, 1945. Aliás, ao observarmos com mais detalhe este quadro, percebemos a técnica de deformação, própria do movimento expressionista: os corpos amontoados de forma grotesca, os olhares, as mãos e as bocas em desespero. Vivos e mortos se misturam numa mesma visão aterradora da fome e da morte.

Segundo Celso Lafer, na arte de Segall, a técnica do expressionismo, que consiste em dar relevância e expressão aos sentimentos, se transformou num “meio de exprimir os duros fatos da existência humana no século XX, para articular assim, uma arte de protesto”. (CARNEIRO; LAFER, 2004, p. 83). Já para Tarsila do Amaral, a arte de Lasar Segall sempre se mostrou “corajosa” e “arrojada”, uma vez que o

[...] contato com o drama humano, expressado através da sua pintura é o equivalente de uma reno-

vação estética e a gente, ao se afastar desta pintura, leva consigo a impressão de que a arte, ao lado da beleza superficial e agradável, tem outra modalidade muito mais séria: a de comover fazendo pensar. (AMARAL, 1992, p. 31).

Desta forma, comovendo e fazendo pensar, o pintor Lasar Segall intriga-nos e fascina com a intensidade estética e política de seus quadros, os quais, a maioria deles, o professor pode acessar no site do museu Lasar Segall.³ Tais desenhos acrescentarão mais elementos para o debate e discussões sobre as consequências da Shoá. Assim, pintura e poesia em diálogo poderão abrir novos caminhos para temas complexos e intrigantes que sempre estarão a nos desafiar no ensino da literatura.

Os campos de concentração nazista, evocados dolorosamente por Vinícius de Moraes e por Lasar Segall estão historicamente muito próximos de nós, não se passaram nem setenta anos, e diante do caos e instabilidade político-econômica que o mundo atravessa, é importante retomarmos, sempre que possível este tema em ambiente escolar.

Daí, o importante papel do artista de registrar, delatar, denunciar. O poema de Vinícius e o quadro de Segall são registros, mas, também, um alerta. São obras excepcionais de grande beleza estética, mas é também um registro histórico do passado. Vinícius, um poeta não judeu, cantou dolorosamente os campos em sua triste balada. Segall, o pintor hebraico, retratou os campos e os corpos amontoados no chão: ambos revelaram pela arte a barbárie de uma época que não respeitava nem a diversidade de pensamento nem a diversidade da condição humana.

Zygmunt Bauman, autor do livro *Modernidade e Holocausto*, chama a atenção para o fato de que nunca se pode esquecer que foi o mundo racional da civilização moderna e as conquistas tecnológicas e burocráticas da sociedade ocidental que tornaram o Holocausto possível. As mesmas estratégias usadas nas linhas de produção das fábricas foram aplicadas nos campos, desde as experiências biológicas, passando pelas enormes e organizadas filas

³ <http://www.museusegall.org.br>

a caminho das câmaras de gás, até os pavorosos fornos de cremação. Bauman diz mais: “o regime nazista de há muito desapareceu, mas seu legado venenoso está longe de morto”. (BAUMAN, 1998, p. 233). Infelizmente, o preconceito e a visão estreita de mundo, que tornou o Holocausto possível não foram eliminados. Já para Lyslei Nascimento e Julio Jeha (2012) a Shoá aconteceu uma vez e pode vir a se repetir novamente. É mais: negando a “existência daquilo que, mais do que um assassinato em massa, foi um crime contra a humanidade, é tornar-se cúmplice da barbárie e colaborar para que o mais grave e mais horrendo dos delitos venha a materializar outra vez”. (NASCIMENTO; JEHA, 2012, p. 12).

Dentre os inúmeros fatores sócio-político-sociais que guardam em seu bojo as sementes que podem reeditar os perigos do Holocausto está a precária formação educacional de nossos adolescentes. Como apontamos antes, uma das consequências são o aumento dos grupos neonazistas tanto no Brasil como na Europa e EUA. Grupos formados, em sua maioria, por jovens urbanos, classe média. Jovens comuns que, bem ou mal, frequentam as salas de aula. Jovens que assistem às nossas aulas. Desta forma, o papel do educador comprometido tornou-se mais complexo, ou, como quer Edgar Morin (2000), o professor deve educar para a paz, este um dos maiores desafios à educação do futuro.

Tal desafio torna-se maior ainda, quando ouvimos os ecos da voz de Paulo Freire a nos provocar em *Pedagogia da autonomia*. Para Freire, “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”. (FREIRE, 1997, p. 39).

Já quanto ao nosso projeto sobre literatura e Holocausto, os alunos do curso de Letras ampliaram as aulas, acrescentando ao projeto, leituras de alguns livros de memórias, diários, romances, contos e poemas que podem ser explorados no ensino médio, uma vez que estes textos ajudam na reflexão sobre tema tão desconfortável e penoso: a perseguição e a morte de seis milhões de judeus. Talvez, o mais famoso desses relatos seja *O diário de Anne Frank*, escrito pela adolescente Anne Frank, entre 1942 e 1944. Importante, também, são as obras editadas em por-

tuguês, alguns testemunhos de sobreviventes dos campos que moram hoje no Brasil, como *E o mundo silenciou*, de Bem Abraham, publicado em 1972, pela editora Símbolo e o livro *Pesadelos: como é que eu escapei dos fornos de Auschwitz e de Dachau: memórias*, de Konrad Charmatz, publicado em 1976, pela editora Momento.

Os estagiários deste projeto acharam interessante, trabalhar também com a leitura de *O centauro no jardim*, de Moacyr Scliar. Neste intrigante romance, o autor enfoca de forma metafórica, na simbologia ambígua de um centauro, a problemática de ser judeu em meio aos cristãos. Não podemos esquecer, ainda, outros poetas, além de Vinícius de Moraes, que enfocaram a temática da guerra na cadência de seus versos, como, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, dentre outros. Estas são apenas algumas sugestões para tornar algumas aulas de literatura mais criativas, inteligentes e menos maçantes. O professor pode ainda, dando continuidade à interface poesia e pintura, projetar mais quadros que enfoquem a guerra, como, por exemplo, o famoso *Guernica*, de Pablo Picasso e alguns painéis de *Guerra e paz*, de Candido Portinari.

Comentar sobre a Segunda Guerra, comentar sobre o Holocausto e o antissemitismo na era da informática e da tecnologia do computador, falar para jovens que, nem sempre querem nos ouvir, é muito desafiador: uma esfinge que todos os dias nos ameaça e, se não estivermos respaldados com boa bibliografia e muita criatividade, com certeza, ela nos devorará. Este texto é, portanto, uma pequena sugestão para o professor enfrentar o desafio de ensinar sobre a Shoá, neste universo tão extenso e complexo que é o ensino da literatura comparada na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

- ADORNO, Theodor. *Prismas: La crítica de la cultura y la sociedad*. Barcelona: Ediciones Ariel, 1962.
- AMADO, Jorge. *Hora da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMARAL, Tarcila do. "Lasar Segal". In: MILLER, Álvaro Miller et alii. *Lasar Segal: antologia de textos nacionais sobre a obra e o artista*. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional de Artes Plásticas. 1982.
- ARENDT, Hanna. *Eichmann em Jerusalém*. **São Paulo: Companhia das Letras, 1999.**
- _____. *O sistema totalitário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BECCARI, Vera d'Horta. *Lasar Segall e o modernismo paulista*. **São Paulo: Brasiliense, 1984.**
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3ª ed. rev e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Holocausto: crime contra a humanidade*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CARNEIRO; M. L. T.; LAFER, C. *Judeus e o judaísmo na obra de Lasar Segall*. São Paulo: Ateliê editorial, 2004.
- FRANCHETTI, Paulo. Ensinar literatura para quê? *Revista Desenredos*, ano I, número 03. Teresina, Piauí, novembro-dezembro 2009. Disponível em: <http://desenredos.dominio-temporario.com/doc/03_ensaio_-_literatura_-_Franchetti.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1991.
- HOBBSAWM, Eric. "A epidemia da guerra". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 abr. 2002. Caderno Mais.
- LEVI, primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- MATTOS, Claudia Valadão de. *Lasar Segall: expressionismo e judaísmo*. **São Paulo: Perspectiva, 2000.**
- MILLER, Alvaro et alii. *Lasar Segal: antologia de textos nacionais sobre a obra e o artista*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1962.
- MORAES, Vinícius. *Antologia Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

- MORAES, Vinícius de. *Poesia completa e prosa*. Organização de Eucanaã Ferraz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.
- NASCIMENTO, Lyslei; JEHA, Julio. (orgs). *Estudos judaicos: Shoá, o mal e o crime*. São Paulo: Humanitas, 2012.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio. Testemunho da Shoá e Literatura. 2010. Disponível em: <<http://texsituras.files.wordpress.com/2010/03/testemunho-da-Shoá-e-literatura-seligmann-silva.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2013.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003.
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, EDUC, 1997.

